



**LUAN HENRIQUE ARANTES PEREIRA**

**NOVA ECONOMIA DO PROJETAMENTO:  
uma revisão sistemática quantitativa da literatura**

**LAVRAS-MG  
2023**

**LUAN HENRIQUE ARANTES PEREIRA**

**NOVA ECONOMIA DO PROJETAMENTO:  
uma revisão sistemática quantitativa da literatura**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal de Lavras, como parte  
das exigências do Curso de Administração  
Pública, para a obtenção do título de Bacharel.

Prof. Dr. José de Arimatéia Dias Valadão  
Orientador

**LAVRAS-MG  
2023**

**LUAN HENRIQUE ARANTES PEREIRA**

**NOVA ECONOMIA DO PROJETAMENTO:  
uma revisão sistemática quantitativa da literatura**

**NEW PROJECTMENT ECONOMY:  
a systematic quantitative literature review**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal de Lavras, como parte  
das exigências do Curso de Administração  
Pública, para a obtenção do título de Bacharel.

APROVADA em 06 de março de 2023.

Prof. Dr. José de Arimatéia Dias Valadão, UFLA  
Prof. Dr. Renato Silvério Campos, UFLA  
Me. Rafael Rodrigues de Castro, UFLA

Prof. Dr. José de Arimatéia Dias Valadão  
Orientador

**LAVRAS-MG  
2023**

*A você, familiar, amigo(a) ou professor(a) que sempre acreditou e contribuiu nessa jornada.*

*Sem vocês isso não seria possível.*

*Dedico*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente aos meus pais, Luciana e Alcir que sempre tiveram dedicação total, respeito e paciência em todos esses anos.

Agradeço aos meus avós Martha e Osmar, exemplos em todos os âmbitos da minha vida.

Minha companheira Fabiana que fez parte dessa etapa decisiva e me apoiou nos momentos mais difíceis.

Aos demais familiares, principalmente na pessoa de minha tia Ivana, que não poupou esforços para esta realização.

Aos meus amigos e amigas que sempre estiveram ao meu lado, em especial à Paulo Felletti, que contribuiu desde antes de minha chegada à Lavras até a conclusão deste sonho.

*“Nesse quadro, o projeto é o elemento tático do desenvolvimento, e a estratégia é confiada ao planejamento, [...] planejar torna-se cada vez mais uma ferramenta racional coletiva para harmonizar o presente e o futuro. [...] A efetiva realização sistêmica e a consolidação da nova economia do projetamento não podem ser consideradas um fato consumado no momento. Trata-se mais de uma tendência para o futuro, porém já constitui a engenharia social mais avançada em desenvolvimento no mundo hoje.”*

*Jabbour e Gabriele (2021, p. 256)*

## RESUMO

Os estudos sobre o desenvolvimento têm sido recorrentes tendo um vasto arcabouço teórico. Este trabalho coloca a teórica marxiana e o socialismo de mercado, mais especificamente a Nova Economia do Projeto (NEP), em análise por meio de uma revisão sistemática quantitativa da literatura. Para tanto, os artigos foram extraídos das bases de dados *Scopus*, *Scielo*, *Google Scholar* e *Web of Science*, compreendendo aqueles que foram publicados até dezembro de 2022. Após o processo de inclusão e exclusão, fez-se a seleção dos artigos, os quais foram analisados a partir dos seguintes métodos: cinco Técnicas de Análise Bibliométrica, Análise de Frequência de Palavras-Chave e Análise do Estoque de Conhecimento. Os resultados obtidos puderam contribuir para (1) verificar quais autores mais publicaram e sua influência e (2) constatar que a NEP apesar de uma teoria recente, já detém um arcabouço teórico bem como possibilidade de aplicação prática. Isso tem ajudado a evidenciar a produção acadêmica brasileira, representado aqui pela NEP, sobretudo na consolidação como uma teoria do desenvolvimento tipicamente latino-americana e, sobretudo, brasileira. O estudo contribui ao responder ao chamado para a construção da Nova Economia do Projeto e evidenciar uma gama de variáveis de como seu estudo ao longo dos anos foi proposto, suas possibilidades e suporte a novos estudos sobre o tema.

**Palavras-chave:** Nova Economia do Projeto. Revisão da literatura. Socialismo de mercado. Modo de produção.

## ABSTRACT

Studies on development have been recurrent, having a vast theoretical framework. This work analyzes Marxian theory and market socialism, more specifically the New Design Economy (NEP), through a quantitative systematic review of the literature. For this purpose, the articles were extracted from the *Scopus*, *Scielo*, *Google Scholar* and *Web of Science* databases, comprising those that were published until December 2022. After the inclusion and exclusion process, the articles were selected, which were analyzed from the following methods: five Bibliometric Analysis Techniques, Keyword Frequency Analysis and Knowledge Stock Analysis. The results obtained could contribute to (1) verify which authors published the most and their influence and (2) verify that the NEP, despite being a recent theory, already has a theoretical framework as well as the possibility of practical application. This has helped to highlight the Brazilian academic production, represented here by the NEP, especially in its consolidation as a typically Latin American and, above all, Brazilian theory of development. The study contributes by responding to the call for the construction of the New Design Economy and highlighting a range of variables on how its study over the years has been proposed, its possibilities and support for new studies on the subject.

**Keywords:** New Projectment Economy. Literature review. Market socialism. Mode of production.



## LISTA DE FIGURAS

|   |    |
|---|----|
| Figura 1 - Fases e etapas da Revisão Sistemática Quantitativa da Literatura ..... | 25 |
| Figura 2 - Distribuição anual dos artigos localizados e das citações.....         | 27 |
| Figura 3 - Nuvem de palavras-chave gerado no <i>TagCrowd</i> .....                | 30 |
| Figura 4 - Divisão dos artigos por área temática e objetivo de pesquisa.....      | 32 |

## **LISTA DE QUADRO**

Quadro 1 - Critérios de busca e seleção dos artigos de acordo com cada base de dados..... 25

## LISTA DE TABELA

|  |    |
|--|----|
| Tabela 1 - Relação das revistas por indicadores de impacto científico e quantidade de artigos<br>..... | 29 |
|--|----|

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>                              | <b>12</b> |
| <b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>                     | <b>15</b> |
| <b>2.1 Desenvolvimento .....</b>                       | <b>15</b> |
| <b>2.2 Socialismo de mercado .....</b>                 | <b>17</b> |
| <b>2.3 Nova Economia do Projeto.....</b>               | <b>20</b> |
| <b>3 METODOLOGIA.....</b>                              | <b>24</b> |
| <b>4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b> | <b>27</b> |
| <b>4.1 Análise bibliométrica.....</b>                  | <b>27</b> |
| <b>4.2 Análise do estoque de conhecimento.....</b>     | <b>31</b> |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                     | <b>33</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                               | <b>35</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

A necessidade de compreensão do conceito de desenvolvimento tem se tornado cada vez mais relevante no mundo contemporâneo. Em um mundo onde as políticas e estruturas passam sobretudo sobre a forma com que os Estados planejam seu desenvolvimento, o entendimento acerca dessa questão está intimamente atrelado ao pensamento capitalista, liberal, eurocêntrico e ocidental e a abordagem geral de certa forma, dominante, sobre o tema ainda “carrega pensamentos pragmáticos vinculados às teorias do planejamento, do desenvolvimentismo e do campo mais meritocrático da competição econômica” (PIMENTA, 2014, p. 3). Como resposta emerge uma imposição histórica para aqueles que acreditam em um sistema mais igualitário e equânime, que dê condições mínimas aos indivíduos, ou em uma interpretação marxista de trabalhador, o proletariado. Em construção, uma nova economia faz-se necessária para um entendimento próprio dos e para os países subdesenvolvidos, para “apreender a especificidade dos países periféricos, a partir da percepção de que somente novas teorias poderiam explicar estruturas e dinâmicas distintas” (NERY, 2004, p. 21) e também perpassa por “uma abordagem integrada e multifacetada, visando a um progresso simultâneo em diferentes frentes, incluindo diferentes instituições que se reforçam mutuamente” (SEN, 1999), e foque seus esforços para transgredir a estrutura puramente capitalista, absorva novas formas e abarque novas perspectivas e arranjos estruturais.

À essa imposição histórica, o conceito de “socialismo de mercado” (SM) é contribuição manifesta desde os debates entre Hayek-Mises e Oskar Lange (LANGE; TAYLOR; LIPPINCOTT, 1938), que defende o planejamento econômico, sendo considerado o início de uma ideia de socialismo de mercado como prática econômica. Este, portanto, pode ser entendido como um conjunto de modos de produção de um sistema político-econômico de predominância socialista com características econômicas voltadas para a expansão do mercado por meio do fortalecimento do Estado enquanto agente central e norteador. Sendo o modo de produção socialista dominante, e com capacidade “quantitativamente maior e qualitativamente superior” (GABRIELE; SCHETTINO, 2012, p. 31, tradução nossa) de atuação do Estado na economia em comparação ao modelo capitalista. Isto significa que “somente uma economia socialista pode satisfazer plenamente a reivindicação feita por muitos economistas em relação às conquistas da livre concorrência” (LANGE; TAYLOR; LIPPINCOTT, 1938, p. 107, tradução nossa).

O socialismo de mercado é um termo bastante difundido e amplamente estudado, é possível identificar publicações marcantes do ponto de vista histórico como a obra de Lange,

Taylor e Lippincott (1938) ou estudos mais atuais (e não menos relevantes), como os artigos de Elias Jabbour. Os artigos sobre o socialismo de mercado são amplamente diversificados, possuindo textos sobre a evolução do sistema político-econômico da China e suas transformações para uma perspectiva neoliberal (NONINI, 2008). Há também estudos sobre o mercado de trabalho (LEE, 1999) abordando a questão das formas de organização do trabalho nas fábricas chinesas e suas relações. Abordagens que trazem contribuições do SM para os estudos do desenvolvimento urbano chinês e os desafios encontrados, além da relação capitalismo e socialismo e o direito ao desenvolvimento, como em McGEE (2007).

Existem artigos mais recentes também debatendo o socialismo de mercado como uma alternativa a expansão global do neoliberalismo (LANE, 2022). Até mesmo no contexto russo (HEKPACOB, 2022) discutindo “Planos e formas de construir o socialismo: experiência da história e possibilidades de futuro” e avaliando as possibilidades, formas e desafios para o socialismo no futuro como um sistema social e político. No contexto brasileiro tem-se estudos sobre o socialismo de mercado e suas formas como em Jabbour e Dantas (2020; 2021).

Estes trabalhos mostram alguns aspectos relevantes e tangenciais ao tema proposto, onde é possível identificar alguns pontos significativos para a proposta. Em primeiro lugar, o socialismo de mercado é tema de discussões desde Lange, Taylor e Lippincott (1938) respondendo aos liberais da época sobre a possibilidade de alocar recursos do mercado de forma eficiente no socialismo, e vem passando por modificações e reinterpretações desde então, mas é também um assunto atual, com inúmeras publicações recentes a nível nacional e internacional. Em segundo lugar, pode-se perceber que dentre as publicações descritas acima, os termos “China” e “*chinese*” aparecem em grande parte das pesquisas, número substancial e que coloca o País como epicentro dos atuais estudos sobre o socialismo de mercado. Existem nesse ponto estudos de revisão que remetem ao tema, como em um estudo acerca da migração rural-urbana na China e Vietnã, fruto da transição em ambos países para o socialismo de mercado (NGUYEN; LOCKE, 2014). Já Temkin (1996) faz uma revisão crítica do socialismo de mercado com um olhar liberal da literatura publicada sobre o tema entre os anos de 1991 e 1995.

A partir disso, e à luz do que ficou conhecido e vem sendo difundido pelas mãos de Elias Jabbour (JABBOUR et al., 2020; JABBOUR; DANTAS; ESPINDOLA, 2020; JABBOUR; DANTAS, 2021; JABBOUR; GABRIELE, 2021; JABBOUR; RODRIGUES, 2021; JABBOUR; DANTAS; ESPINDOLA, 2022; JABBOUR; DANTAS; VADELL, 2022; JABBOUR; KOSINSKI, 2022) como a Nova Economia do Projeto (NEP), refere-se a um novo modo de produção (JABBOUR; DANTAS, 2021), capaz de propor soluções, traçar

estratégias de larga amplitude e criar arranjos de políticas públicas de alta capacidade capilar, abrangentes e focalizadas, que contemplem linhas democráticas e de participação popular bem estabelecidas. Advindo da Economia do Projeto do cevalino Ignácio Rangel, a NEP trata-se de um processo de desenvolvimento que pode ser observado, segundo Jabbour et al. (2021) na China, que entre 1980 e 2018 teve relevantes números que sustentam esta afirmação, com uma média de crescimento do PIB real de 9,2% a.a., uma taxa média de PIB per capita de 9,0% a.a., com uma renda per capita saindo de 250 dólares nos anos 80 para 8.827 dólares em 2018 e com uma taxa de investimento médio acima dos 36% a partir de 1982 e que atinge os 40% nos últimos anos.

Em um momento que expõe a crise sistêmica do capitalismo, sob a influência da atuação do Estado nas mais diversas áreas, urge “uma nova economia que o processo histórico está desenhando em meio a, e a partir, de novos paradigmas produtivos e tecnológicos, das novas e superiores formas de planificação que estão sendo gestadas e executadas em larga escala na China” (JABBOUR; DANTAS, 2021, p. 5). Esse novo modo de produção (NEP), antítese de um capitalismo contemporâneo é principalmente, sinônimo de um novo desenvolvimento dominante de uma Nova Formação Econômica-Social (NFES), o “socialismo de mercado”.

Dessa forma, esta pesquisa tem por objetivo principal investigar a disseminação dos estudos acerca da Nova Economia do Projeto. Para alcançar este objetivo, foi realizada uma Revisão Sistemática Quantitativa da Literatura (PICKERING; BYRNE, 2014), considerando a literatura nacional e internacional. Levando em consideração a originalidade e contemporaneidade, a abrangência dos estudos sobre a NEP pode gerar inúmeras contribuições para os estudos sobre o desenvolvimento, ciência política e econômica, tendo a China como intérprete desse fenômeno.

Tendo como horizonte o “chamado ao desafio de elaborar uma Nova Economia do Projeto”, proposto por Jabbour et al. (2020), este trabalho visa contribuir para ampliação do conhecimento sobre a NEP, bem como para investigações futuras sobre o tema nas mais diversas áreas de conhecimento.

Para além desta introdução, este trabalho divide-se em mais quatro capítulos. A seguir uma seção de referencial teórico subdividindo-se em: Desenvolvimento, Socialismo de Mercado e Nova Economia do Projeto. Em sequência, são destacados os métodos utilizados para a pesquisa, já a quarta seção engloba os resultados obtidos com a análise dos dados dessa pesquisa. Por fim, as considerações finais, limitações e possibilidades de estudos futuros.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Desenvolvimento

A ideia que envolve a conceituação sobre o desenvolvimento foi e vem sendo amplamente discutido em contexto global, mesmo que de formas e com diferentes abordagens, a necessidade de compreensão desse fenômeno vem sendo difundido desde os séculos XIV e XVIII, com o advento da concepção de progresso, proveniente dos períodos renascentistas e iluministas. Em um período marcado pela alternância entre o feudalismo e o capitalismo, o renascimento foi o período transicional entre a Idade Média e a Idade Moderna, onde o feudalismo foi dando lugar, cada vez mais, ao capitalismo dos períodos pré-industriais.

Tendo a partir do século XIX a centralidade da discussão, a ideia de um desenvolvimento vinculada a uma interpretação de progresso, pautado pelos moldes dos princípios capitalistas, com pensamento evolucionista e base teórica positivista, tratando a sociedade, de forma natural segundo uma ótica comtiana, como um organismo social “sendo esse organismo determinado, em todos os níveis, pelo estado cultural” (SUPERTI, 1998, p. 9). A concepção das teorias do desenvolvimento era também estabelecida por critérios comparativos ocidentais, principalmente eurocentristas e sobretudo burguesas.

Para Bresser-Pereira (2014), o progresso é uma ideia e uma aspiração do século XVIII e o desenvolvimento, uma ideia e um projeto do século XX que continua no século XXI. Após a Segunda Guerra Mundial, a ideia anteriormente constituída de uma civilização dividida entre “civilizados e primitivos” deixou de existir pela mudança de relações no período pós-colonialista. Advindo de uma concepção regida por um “capitalismo moderno”, surge então uma interpretação baseada no grau de desenvolvimento, classificando os países como desenvolvidos e subdesenvolvidos, um importante marco teórico sobre os estudos sobre o desenvolvimento e a economia do desenvolvimento.

A partir disso, o pensamento estruturalista passa a vigorar de forma quase hegemônica dos estudos sobre o desenvolvimento. Ragnar Nurkse defende a tese de que existe um “círculo vicioso da pobreza”, pautado principalmente, mas não somente, pelo capital que determinado país possui. “Nurkse define as nações subdesenvolvidas, comparativamente às nações avançadas, a partir, justamente das suas dotações de capital” (CARDOSO, 2012, p. 13). Sendo então o mercado, o centro da diferenciação entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, que tem na capacidade de formação e acumulação de capital um pensamento estritamente entrelaçado ao desenvolvimento econômico. Entendendo a dificuldade de elevação da matriz



produtiva dos países subdesenvolvidos pela baixa dimensão destes, a proposta para a quebra desse círculo vicioso, é um importante mecanismo – inclusive para este trabalho –, o planejamento. Segundo Cardoso (2012a), é a melhor maneira de ruptura desse ciclo e a “aplicação de capital planejada em diferentes indústrias, o que permitiria uma ampliação geral do mercado e um melhor aproveitamento em prol do desenvolvimento, da renda e capital a serem gerados e acumulados” (CARDOSO, 2012, p. 14). Isso para Nurkse se dá, necessariamente, pela via do mercado interno, que segundo Cardoso (2012) é crucial no que tange o uso efetivo na formação de capital e para abrir novos caminhos para captar e formar mais capital.

Pode-se perceber que a desigualdade é o centro da discussão. Nesse ponto vigoram os pensamentos de Gunnar Myrdal em um olhar para o que ficou conhecido como causação circular e cumulativa. Para Cardoso (2012), para se alcançar os resultados desejados na teoria de Myrdal, é determinante conhecer cada vez mais como os “fatores se inter-relacionam” na alteração do sistema social, assim “conhecer as causações entre os fatores auxiliaria a potencializar e a canalizar de forma mais eficaz os efeitos positivos ao desenvolvimento, facilitando a tarefa de superação do subdesenvolvimento” (CARDOSO, 2012a, p. 89).

Em meio a essas discussões, em 1948, foi criada a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) fazendo-se necessária para um entendimento próprio dos e para os países subdesenvolvidos, para que se possa “apreender a especificidade dos países periféricos, a partir da percepção de que somente novas teorias poderiam explicar estruturas e dinâmicas distintas” (NERY, 2004, p. 21). Para os cepalinos, sob a ótica de Bastos e Oliveira (2020), foi percebido ao longo do tempo que a simples reprodução dos bens antes importados não era suficientemente capaz de suprir, além de não garantir o verdadeiro desenvolvimento, dependendo mais uma vez dos países ditos desenvolvidos, nesse ponto, no que tange o domínio da tecnologia.

A CEPAL, tendo por base o pensamento estruturalista, passa a desempenhar relevante papel nos estudos relativos ao desenvolvimento na região, tendo como um de seus mais importantes pensadores Raul Prebisch. A tese do autor, que ficou mais tarde conhecida como Singer-Prebisch pela proximidade de ideias entre ele e Hans Singer, mas diferenciando-se ao fazer referência à “dinâmica centro-periferia” e a função desempenhada pelos países periféricos no fluxo internacional do comércio. Segundo Cardoso (2016), a teoria que embasa o pensamento de Prebisch se estabelece na crítica a teoria do comércio internacional pautado nas vantagens comparativas, pensando um projeto cuja industrialização seja o objetivo. Na dinâmica, o “centro” é o epicentro determinístico dos ciclos e a “periferia” quem absorve seus

efeitos, que tem como recomendação “a necessidade de transformar a estrutura produtiva tornando-a mais moderna via industrialização” (CARDOSO, 2016, p. 8). Que por consequência, segundo o pensamento de Prebisch, deveria também elevar o nível real dos salários, “permitindo extrair as vantagens das interações internacionais e possibilitando escapar da armadilha da tendência à deterioração dos termos de troca”.

Para o também cepalino Celso Furtado, que comunga em certa medida com os pensamentos de Nurkse no que diz respeito à atribuição da relação entre consumo de luxo e a deficiência de poupança, reafirmado por Bastos e Oliveira (2020), em que Furtado remete a correlação de “um padrão de consumo elevado com concentração de renda e uma eventual tendência ao ‘entorpecimento’ do crescimento econômico” (BASTOS; OLIVEIRA, 2020, p. 14) como âmago da tese sobre subdesenvolvimento proposta pelo autor nos anos 1960. Como resultado, os padrões de consumo dos países desenvolvidos são repetidos pelos países subdesenvolvidos, inviabilizando a criação de padrão de consumo próprios, além disso “criando um problema de redução da propensão a poupar e, logo, de desaceleração do crescimento” (BASTOS; OLIVEIRA, 2020, p. 14). Ainda para Bastos e Oliveira (2020), os teóricos da Cepal foram salutares para uma profunda crítica radical à teoria convencional do comércio exterior e também na “ênfase heterodoxa na existência de uma forte restrição externa, e não de poupança, ao desenvolvimento da periferia” (BASTOS; OLIVEIRA, 2020, p. 26).

Apesar de todo exposto, a ideia de desenvolvimento em um contexto histórico, ainda “carrega pensamentos pragmáticos vinculados às teorias do planejamento, do desenvolvimentismo e do campo mais meritocrático da competição econômica” (PIMENTA, 2014, p. 3). Partindo dessa premissa e de que, “em algum momento no futuro o desenvolvimento econômico chegará ao fim” (BRESSER-PEREIRA, 2014, p. 13), há o entendimento de que são necessárias novas e superiores formas de compreensão de desenvolvimento, que fujam dos padrões estritamente econômicos e que pautem “uma abordagem integrada e multifacetada, visando a um progresso simultâneo em diferentes frentes, incluindo diferentes instituições que se reforçam mutuamente” (SEN, 1999). Que contemplem não somente um desenvolvimento em uma conceituação na oferta de bens, serviços e o aumento de capital, mas que busque uma autotransformação endógena, que segundo Furtado (1969), precisa promover a coletividade humana, com a real mudança da condição de vida.

## **2.2 Socialismo de mercado**

O conceito de socialismo de mercado emerge naturalmente à questão chinesa, saindo,

portanto, de uma argumentação abstrata sobre denominações, condições ou mesmo contradições teóricas, para o tangível, “ou seja, para nós o “socialismo de mercado” deixou de ser uma abstração, passando a tornar algo real, concreto” (JABBOUR et al., 2020). Inclusive com reivindicações marxistas do próprio Xi Jinping no 19º Congresso Nacional do Comitê Central do Partido Comunista Chinês (PCCh).

A confiança na cultura constitui a força mais fundamental, profunda e duradoura para o desenvolvimento de um país e de uma nação. Devemos persistir no marxismo, ter solidamente em mente o grande ideal do comunismo e o ideal comum do socialismo com características chinesas, cultivar e praticar os valores-chave do socialismo, bem como reforçar constantemente a iniciativa e o poder de voz na área ideológica. Temos de promover a transformação criativa e o desenvolvimento inovador da excelente cultura tradicional chinesa, herdar a cultura revolucionária e desenvolver a cultura avançada socialista. Devemos assimilar os frutos positivos estrangeiros sem nos esquecer da nossa própria cultura, encarar o futuro, bem como construir melhor o espírito, as forças e os valores chineses, de modo a fornecer um guia espiritual ao povo (LIMA, 2017, s.p.).

Essa percepção e relatos confirmam o distanciando do que outrora era erroneamente rotulado como um capitalismo de Estado ou alguma variação ultrajante de um modelo liberal/capitalista. Segundo Silva (2020), apesar de todo esforço, as contradições de classe permanecem, mas os operários, camponeses e intelectuais ainda são a “espinha dorsal” do partido, que reitera “nada leva a pensar, todavia, que a gramática de Marx esteja sendo rejeitada” (SILVA, 2020, p. 9).

A materialidade do socialismo de mercado está na reivindicação do surgimento deste como uma Formação Econômico-Social (FES), “está surgindo na China uma Nova Formação Econômico-Social (NFES), que chamamos de socialismo de mercado”. Neste ponto, a NFES insurgente da teoria marxista e que para Jabbour et al. (2020) é a sustentação teórica e conceitual sólida de uma complexa formação social, onde “Althusser e Balibar (1970) chegam a uma definição mais clara e coerente da categoria de FES “*Totality of instances articulated on the basis of a determinate mode of production*”” (JABBOUR et al., 2020, p. 6).

Assume-se então o socialismo de mercado como uma complexa formação social de uma NFES, portanto, não se tratando de uma sociedade que atingiu o comunismo. Isso posto, e com a ideia prévia de que o socialismo de mercado trata de um conjunto de modos de produção, é análogo o pensamento da existência de “uma formação que associa – via coexistência e coabitação – modos de produção de diferentes épocas históricas em clara unidade de contrários” (JABBOUR et al., 2020, p. 8). A existência dessa unidade de contrários é a reafirmação da complexidade, coexistindo para tal, modos de produção múltiplos que, como classifica Jabbour et al. (2020) são: a economia natural de subsistência, a pequena produção mercantil, o

capitalismo privado, a ação/coordenação ativa do Estado na economia (também chamado de capitalismo de Estado) e o socialismo. Ainda que a aparência remeta a uma contradição, a existência de modos de produção “antagônicos” como socialismo e capitalismo por si só, não ressignifica a importância dessa categoria histórica em construção, Losurdo (2017) revela em uma leitura acerca dos acontecimentos na União Soviética e o discurso de Lênin em “As tarefas das Uniões da Juventude” que o líder soviético remete a necessidade de modernização e conexão elétrica para o desenvolvimento produtivo e industrial local, mesmo que para tal fosse necessário importar técnicas dos países capitalistas mais avançados.

Tendo no socialismo o modo de produção dominante, sua prevalência se reafirma no que tange o poder político e, conseqüentemente ao econômico (numa ótica materialista), e se dá por meio da Revolução Chinesa em 1949 e sob o comando do Partido Comunista Chinês (PCCh) como um importante e revolucionário instrumento de mudanças, em que “a base socialista do sistema econômico da China é a supremacia incondicional do Partido Comunista Chinês” (FAN; MORCK; YEUNG, 2011, p. 18, tradução nossa). Dessa maneira, rechaça a ideia de um sistema capitalista enquanto modo de produção dominante, “[...] esse sistema, Socialismo de Mercado com Características Chinesas, não é “*capitalist in a Mao suit*”” (FAN; MORCK; YEUNG, 2011, p. 18, tradução nossa). Ainda segundo Fan, Morck e Yeung (2011), a posição do PCCh corresponde às posições chave do governo, além da hierarquia partidária, há células partidárias em várias empresas, em um sistema próprio de *accountability* mantendo o partido atualizado e fornecendo o auxílio governamental necessário, isso ocorre nas mais diversas áreas, como “[...] governança corporativa em bancos, empresas estatais, empresas não estatais listadas, empresas híbridas, *joint ventures* e empresas privadas suficientemente grandes”. Esse fato corrobora e mostra como a capilaridade e capacidade de atuação do Estado chinês se traduz como sustentação objetiva da afirmação de que está vigente de fato, o socialismo de mercado, conforme Jabbour et al. (2020) ainda reitera, este construto teórico como uma crítica ao ainda influente “etapismo” existente sobre a transição do capitalismo para o socialismo.

Ainda que os argumentos acima sejam suficientemente capazes de colocar o socialismo de mercado como uma formação econômica-social, é preciso como um último destaque, separá-lo de um entendimento (ou dúvida) que possa surgir de um conceito pariforme ao modelo “capitalista com um grande setor público”. Para Gabriele e Schettino (2007), uma das diferenças principais está no controle direto e indireto do Estado sobre os meios de produção ser significativa no nível macroeconômico e sistêmico, esse fato cria duas condicionantes primordiais, a primeira diz respeito a atuação do Estado ser “quantitativamente maior e

qualitativamente superior”, onde o setor público exerce um controle estratégico fundamental no desenvolvimento do País. A segunda é a que denota mais atenção e primazia, embora existam capitalistas inclusive, – pela complexidade e coabitação de “unidade de contrários” – com direitos e propriedade privada, “[...] não são fortes o suficiente para constituir uma classe social hegemônica e dominante, como acontece nos países capitalistas “normais”” (GABRIELE; SCHETTINO, 2012, p. 31).

### **2.3 Nova Economia do Projeto**

Sustentado teoricamente pela égide da Economia do Projeto de Ignácio Rangel, como um processo advindo do colapso sistêmico do capitalismo, a Nova Economia do Projeto (NEP) pode ser identificada e caracterizada no processo de transição e mudança do modo de produção vigentes de um “processo de financeirização, agressividade imperialista, do surgimento/espraiamento de novos paradigmas produtivos e tecnológicos e das novas e superiores formas de planificação sendo gestadas e executadas em larga escala na China.” (JABBOUR; DANTAS; ESPÍNDOLA, 2020, p. 20). E sob as diretrizes do Partido Comunista Chinês (PCCh) encontra lastro material para atuação consistente frente à complexidade da existência de superficiais inconsistências teóricas, “[...] o fato é que a coexistência de diferentes formas de propriedade foi contrabalançada por um estrito controle estatal dirigido pelo Partido Comunista da China” (LOSURDO, 2017, p. 7, tradução nossa).

Assim, é possível descrever os conceitos de comércio e mercado como categorias históricas e deste modo, partir da premissa de que os modos de produção estão em constante mudança, e que o mercado/comércio é, portanto, um fenômeno que precede, não pertence e continuará existindo para além do capitalismo. No caso da China, tratar-se de uma formação econômica e social de cultura e tradições milenares surgidas amplamente por revoltas camponesas, com vocações comerciais como forma de interação social e histórica, sobretudo tendo a relação política e comércio harmonicamente estabelecidos, onde o comércio se tornou um ente estratégico, objetivo e concreto para o processo de desenvolvimento.

Colocar o mercado com um ente estratégico do Estado, sendo usado para alimentar o desenvolvimento pode ser considerado um absurdo sob um olhar neoliberal e capitalista, sem considerar ainda, sob a tutela de um Partido Comunista, algo inconcebível e ultrajante para os neoliberais. Mas a percepção se esfalece de razão quando a prática é de um capitalismo que nunca aderiu ao Estado mínimo, “o capitalismo moderno nunca admitiu o “Estado mínimo” para si mesmo, a começar pelos Estados Unidos de Reagan e seu projeto nada *laissez-faire* de

“Guerra nas Estrelas”” (JABBOUR; GABRIELE, 2021, p. 176). Em síntese, “o surgimento da economia monetária moderna transforma o Estado e o mercado em um elemento único” (JABBOUR; GABRIELE, 2021, p. 176).

Esse amparo histórico criou elementos fundamentais para uma onda de inovações institucionais devidamente compatíveis à complexidade e dimensão supracitadas e inerentes ao maior país do globo em população e o terceiro em extensão territorial. Este é o alicerce e fator preponderante à estrutura prática da atuação do Estado chinês e do PCCh “[...] que se estende pela grande manufatura, sistema financeiro, política de juros, câmbio e fluxo externo de capitais e demais mecanismos de coordenação e socialização do investimento” (JABBOUR; DANTAS, 2021, p. 9), e que principalmente no que tange às estruturas de propriedade coabitantes e sua “unidade de contrários”, em seus diversos modos de produção sustentados sob ensejo de Grandes Conglomerados Empresarias Estatais (GCEE) estabelecendo neste, outro pilar da NEP.

Segundo Jabbour e Dantas (2021), os GCEE são a representação do maior desafio superado das estatais chinesas, em que a lucratividade seria deixada à posteriori para “serem eficientes o suficiente para serem o núcleo de um sistema empresarial com capacidade de servir de base a uma nova classe de formação econômico-sociais que estavam surgindo” (JABBOUR; DANTAS, 2021, p. 10) e a “vanguarda do setor produtivo chinês” (JABBOUR; GABRIELE, 2021, p. 177). A capacidade de empreender do Estado chinês se dá muito em função disso, a aptidão para controlar e ser o “empreendedor em chefe” é o redimensionamento da lógica capitalista, “[...] é importante notar que esse conjunto de empresas é, em última instância, a expressão do controle do PCCh sobre o conjunto da economia chinesa” (JABBOUR; GABRIELE, 2021, p. 192), e sobretudo uma estratégia avançada, “[...] orbitam objetivos políticos e estratégicos que estão presentes tanto nos programas e estruturas do PCCh quanto nos documentos do governo sobre o papel das empresas públicas na economia e nas estratégias internacionais da China” (JABBOUR; GABRIELE, 2021, p. 192). Para Jabbour e Gabriele (2021), não existe experiência capitalista no mundo em que haja (1) empresas estatais de tamanha relevância estão localizadas no núcleo produtivo nacional, (2) capacidade de coordenação do investimento estabelecido pelas estatais como no Estado chinês, (3) capacidade estatal a serviço de uma estratégia global de investimento trilionário, e (4) obedecendo critérios políticos e estratégicos em detrimento ao lucro. Os GCEE e toda engenharia estratégica que o suplanta, configura-se inclusive como questão de sobrevivência da experiência do socialismo de mercado, “[...] a própria sobrevivência do socialismo de mercado, dada a prevalência do metamodo de produção como experiência humana mais avançada em curso no mundo, demanda

a existência de um macrossetor produtivo em condições de prevalecer internamente e concorrer externamente” (JABBOUR; GABRIELE, 2021, p. 191).

A NEP resgata também o materialismo histórico-dialético de Marx e Engels, com o entendimento da interpretação da realidade material com a concepção dos estudos da vida social, aos fenômenos da vida em sociedade, ao estudo desta e sua história, e que aponta, para o objetivo de “transformações econômicas e sociais, determinadas pela evolução dos meios de produção” (ALVES, 2010, p. 1). Portanto, necessitam por exemplo de organização de arranjos produtivos capazes de capturar demandas reprimidas e avançar no processo revolucionário de modificações estruturais. Sendo um processo contínuo de transformação da história pela dialética entre teoria e práxis, para Alves (2010) “o homem marxiano se recusa como um ser apenas determinado na/pela história, mas como transformador da história, sendo a práxis, a forma por excelência desta relação.”

Dessa maneira, é preciso um entendimento que, segundo Jabbour (2020), existe um processo histórico de surgimento de uma nova economia, que está se formando na China. Essa economia, como dito acima, é fruto da curva descendente do capitalismo que desde a década de 1930 vem se acentuando, “subentende-se que a problemática econômica do capitalismo muda radicalmente quando o sistema passa do ramo ascendente da curva para o descendente” (RANGEL, 2005 [1957], p. 290). Para tal, a transformação desse novo sistema da ordem estabelecida, o “socialismo de mercado”, em uma Nova Formação Econômico-Social é determinante a construção de algo singular, “estão postas as condições ao surgimento de algo novo, uma teoria à altura da complexidade do mundo” (JABBOUR; DANTAS; ESPÍNDOLA, 2020). Isso pode ser observado, segundo Jabbour (2020), inclusive no que tange abordagens teóricas, “o fenômeno chinês visto tanto em conjunto quanto no detalhe diz muita coisa, inclusive sobre o surgimento *currente calamo* de novas formas de abordagem no campo da teoria” (JABBOUR; DANTAS; ESPÍNDOLA, 2020).

Nosso ponto de inflexão em relação aos postulados dominantes, ortodoxos e heterodoxos, está na percepção de que a China tem adentrado a uma dinâmica de acumulação onde a superação de restrições dos mais variados tipos e da incorporação à economia real de novos aportes tecnológicos abrem condições tanto para elevar o grau de racionalidade sobre o processo produtivo e conseqüentemente transformar a economia chinesa em uma verdadeira máquina de construção de grandes bens públicos e, mesmo, de valores de uso (JABBOUR et al., 2020, p. 4).

A título de exemplo e para formar materialidade na instrumentalização desse processo, algumas políticas públicas podem ser expoentes da NEP. Em 2020, a China atingiu o objetivo de erradicar a pobreza extrema, um dos objetivos do desenvolvimento sustentável da Agenda

2030, com dez anos de antecedência, como também “[...] não apenas desenha políticas em acordo com a Agenda 2030, como atua para sua promoção em escala global, posto que influencia outras experiências na periferia do sistema” (PAUTASSO; MAIA; PAPI, 2022, p. 4). Atingindo níveis superiores no combate à pobreza absoluta, tirando em 850 milhões de pessoas da Linha Internacional de Pobreza (US\$ 1,90), responsável por 70% de toda população que foi retirada dessa condição desde 1980. O combate ao covid-19 pode ser destacado pela profunda usabilidade das tecnologias no processo de identificação de localidades mais afetadas e indivíduos com exposição ao vírus, “[...] reconvertendo atividades fins e transformando-as em atividades meios, reorganizando a produção em um curto espaço de tempo” (PENELUPPI; BULLA, 2022, p. 247). Ainda segundo Peneluppi e Bulla (2022), com as inovações tecnológicas como o uso de dados de localização, atrelado a Inteligência Artificial (IA) e análise de *Big Data*, as autoridades chinesas criaram mais eficiência no combate ao vírus.

Em resumo, a Nova Economia do Projeto trata-se de um novo modo de produção e uma nova roupagem econômica capaz de produzir inovações institucionais, econômicas e sociais, uma mudança abrupta com uma preponderante atuação do Estado como promotor do desenvolvimento, tendo como propulsor a própria relação Estado-mercado, das inúmeras necessidades e complexidade existentes, desde projetos produtivos locais para criação de emprego e renda, a planejamentos que pensam compensações ecológica sustentáveis, com educação pública universal e assistência social disruptiva. É a superação do socialismo de mercado e da planificação econômica, é a atual forma histórica em que o socialismo se apresenta, “a esse estágio superior alcançado pelo “socialismo de mercado” convencionamos chamar de “Nova Economia do Projeto” (JABBOUR et al., 2020, p. 4).



### 3 METODOLOGIA

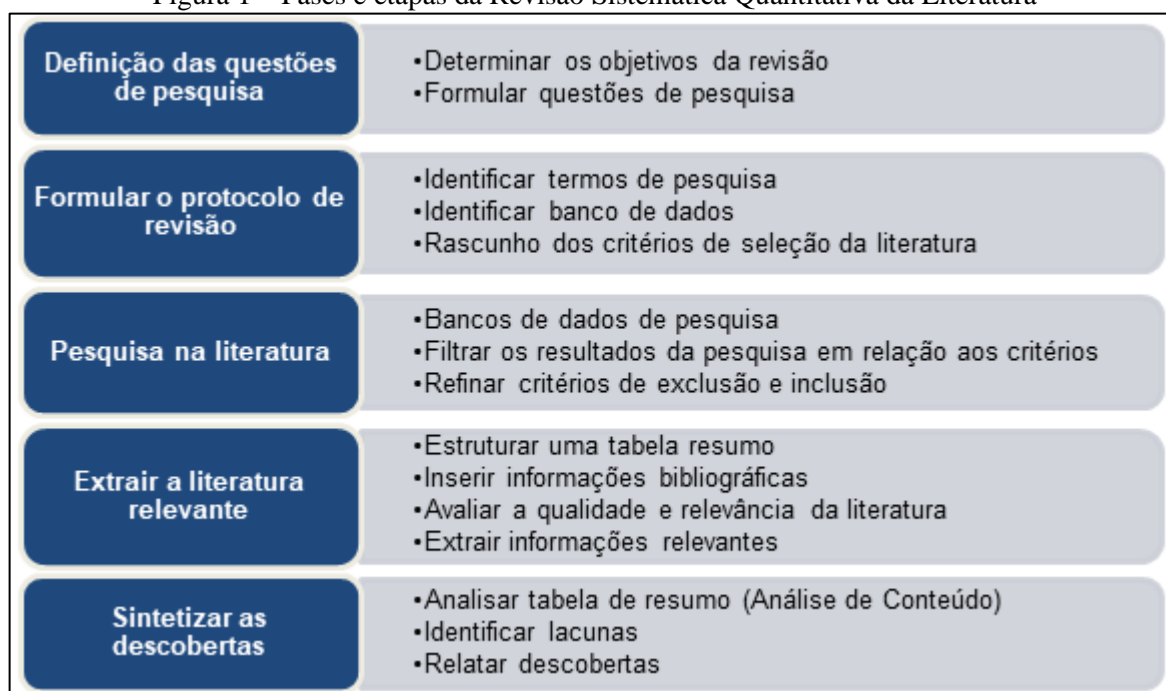
Para alcançar os objetivos desta pesquisa, foi utilizado o método de Revisão Sistemática Quantitativa da Literatura (RSQL), proposto por Pickering e Byrne (2014), visto que é uma abordagem apropriada para os “estágios exploratórios iniciais da avaliação da literatura, principalmente para novos campos” (PICKERING; BYRNE, 2014, p. 538). A proposta dos autores no desenvolvimento deste método de revisão foi fornecer um percurso metodológico a estudantes de doutorado ou em início de carreira na elaboração de revisões de literatura.

A RSQL é ancorada no paradigma positivista, pois usa da técnica de avaliação sistemática quantitativa (PICKERING; BYRNE, 2014). Nesse sentido, os métodos utilizados na pesquisa e seleção dos artigos que são explícitos e reprodutíveis. Ressalta-se que pelo fato da RSQL possibilitar a revisão literatura quantitativa e qualitativa, ela é adequada para pesquisas transdisciplinares (PICKERING; BYRNE, 2014). Em virtude disto, há estudos de revisão de distintas áreas do conhecimento que têm usado o método (GÜRLEK; KOSEOGLU, 2023; JE; KHOO; YANG, 2022; LAI; KHOO; WANG, 2022; MARIANI; AL-SULTAN; MASSIS, 2021; DOWERS et al., 2020; LE; SCOTT; LOHMANN, 2019).

A RSQL é estruturada em 15 etapas (PICKERING; BYRNE, 2014, p. 539). Essas etapas foram divididas em 5 fases, conforme adaptação feita por Yang, Khoo-Lattimore e Arcodia (2017, p. 92), quais sejam: 1) definição das questões de pesquisa; 2) formular o protocolo de revisão; 3) pesquisa na literatura; 4) extrair a literatura relevante; 5) sintetizar as descobertas (Figura 1).

Para primeira fase, definiu-se que o objetivo da revisão foi investigar a disseminação dos estudos acerca da Nova Economia do Projeto. Na próxima fase, identificou-se os termos de busca, as bases de dados e os critérios de busca e seleção dos artigos. Os termos escolhidos tiveram como parâmetro o tema central do estudo: Nova Economia do Projeto. Já a escolha das bases de dados pautou-se pela abrangência e relevância das mesmas. Assim, os artigos foram coletados nas seguintes bases de dados: *Web of Science*, *Scopus*, *Google Scholar* e *Scientific Electronic Library Online (Scielo)*. Por fim, os critérios de busca e seleção dos artigos considerou as especificidades de cada base (Quadro 1).

Figura 1 – Fases e etapas da Revisão Sistemática Quantitativa da Literatura



Fonte: Yang, Khoo-Lattimore e Arcodia (2017, tradução nossa)

Quadro 1 – Critérios de busca e seleção dos artigos de acordo com cada base de dados

| Critérios de busca e seleção | Bases de dados  |  |                  |  |
|------------------------------|---|--|------------------|--|
|                              | <i>Web of Science</i>   | <i>Scopus</i>                            | <i>Scielo</i>    | <i>Google Scholar</i>  |
| <b>Termos de busca</b>       | <i>New Projectment Economy</i> ; Nova Economia do Projетamento; <i>Projectment</i> ; Projетamento |  |                  | <i>New Projectment Economy</i> ; Nova Economia do Projетamento |
| <b>Filtro dos termos por</b> | <i>Topic</i>  | <i>Article title, abstract, keywords</i> | Todos os índices | Não tem  |
| <b>Período de publicação</b> | até dezembro de 2022  |  |                  |  |
| <b>Tipos de documento</b>    | Artigo, artigo de revisão e acesso antecipado   |  |                  |  |
| <b>Área de conhecimento</b>  | Todas as áreas  |  |                  |  |
| <b>Idioma</b>                | Todos os idiomas  |  |                  |  |

Fonte: Do autor

Na terceira fase foi feita a busca dos artigos nas bases de dados mencionadas acima, no mês de janeiro de 2023. A pesquisa resultou em 99 documentos, sendo zero na *Web of Science*, 11 na *Scopus*, 73 no *Google Scholar* e 15 na *Scientific Electronic Library Online (Scielo)*. Em seguida, incluiu-se manualmente as seguintes informações dos documentos em uma *Planilha do Microsoft Excel*: ano da publicação, autores, título, resumo, palavras-chave, revista, citação, base de dados, *qualis*, SJR. Posteriormente, foram excluídos 76 documentos (sete da *Scopus*, 58 do *Google Scholar* e 11 da *Scielo*), pois eram duplicados ou não eram artigos, como, por exemplo, livros, teses, dissertações, entre outros.

Na quarta fase, procedeu-se com a leitura integral dos artigos no intuito de selecionar a literatura relevante. Após este processo, foram retirados da base de dados 15 artigos (dois da *Scopus* e 13 do *Google Scholar*). Aponta-se que um artigo foi retirado, em virtude dele ter sido publicado em duas revistas distintas (JABBOUR et al., 2020; JABBOUR et al., 2021). Para tanto, foi excluído o artigo publicado por último (JABBOUR et al., 2021). Assim, oito artigos compõem a bases de dados da revisão.

Para sintetizar as descobertas (fase 5), utilizou-se as cinco Técnicas de Análise Bibliométrica (evolução do tema ano a ano; autores que mais publicaram *versus* autores que mais foram citados; documentos mais citados; análise de revistas mais relevantes; análise de revistas que mais publicaram sobre o tema), Análise de Frequência de Palavras-Chave (MARIANO; ROCHA, 2017) e Análise do Estoque de Conhecimento, em que os artigos são classificados pela área temática e objetivo de pesquisa (BIEMANS; GRIFFIN; MOENAERT, 2007).

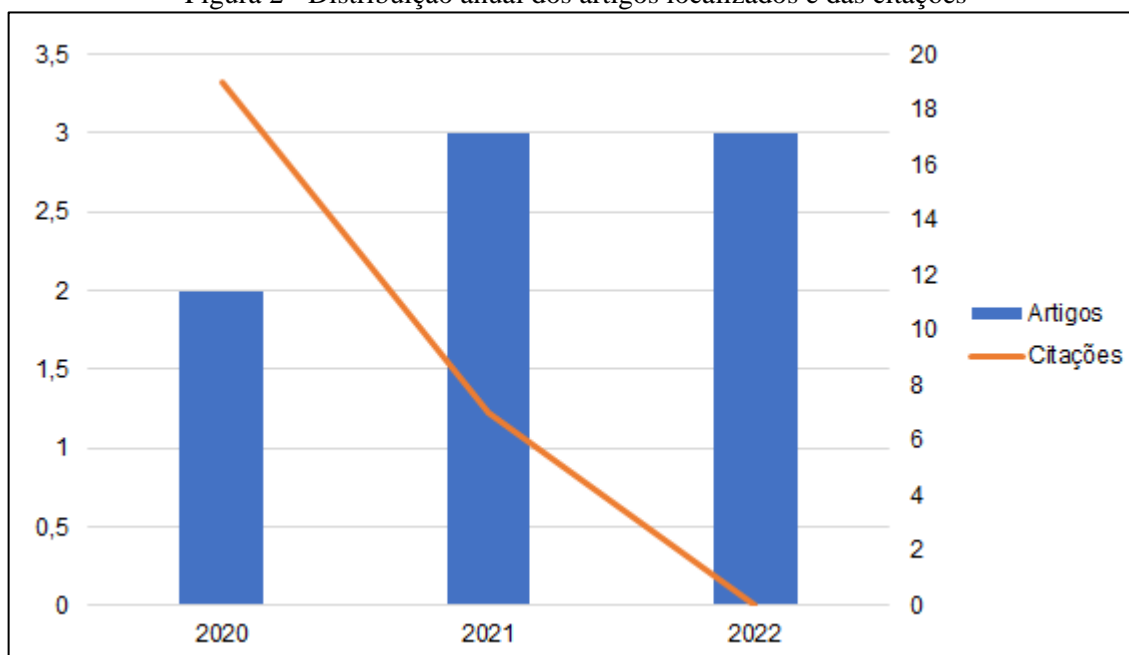
Na execução da análise das Técnicas Bibliométricas, utilizou-se *Planilha do Microsoft Excel* para tabulação dos dados e elaboração dos gráficos. Em relação a Frequência de palavras-chave, a análise foi feita por meio do aplicativo da *web* gratuito *TagCrowd*, o qual possibilita visualizar a ocorrência dos termos por meio da nuvem de palavras (TAGCROWD, 2023). Por fim, na Análise do Estoque de Conhecimento os artigos foram lidos integralmente e classificados de acordo com a área temática e objetivo de pesquisa. A área temática foram categorias geradas a posteriori. Já o objetivo de pesquisa foi feita a distinção entre estudos teóricos e empíricos.

## 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 4.1 Análise bibliométrica

A primeira análise a ser observada é relativa à evolução do tema e artigos ano a ano (Figura 2). Pôde-se perceber de forma mais evidente que a Nova Economia do Projeto trata-se de uma abordagem recente e apesar de neste trabalho não haver restrições temporais, o termo emerge em 2020, que apesar de ser o ano com menos publicações (2), são as duas publicações com mais citações, em que “Considerações iniciais sobre a “Nova Economia do Projeto”” (JABBOUR; DANTAS; ESPÍNDOLA, 2020) e “A (Nova) Economia do Projeto: o conceito e suas novas determinações na China hoje” (JABBOUR et al., 2020), são citadas em 19 vezes.

Figura 2 - Distribuição anual dos artigos localizados e das citações



Fonte: Do autor

Em 2021, foram realizadas três publicações, onde “Ignácio Rangel na China e a “Nova Economia do Projeto”” (JABBOUR; DANTAS, 2021), “ A “Nova Economia do Projeto” no combate ao Covid-19 e as capacidades estatais como força política estratégica” (JABBOUR; RODRIGUES, 2021) e “Da Nova Economia do Projeto à globalização instituída pela China” (JABBOUR; DANTAS; VADELL, 2022), marcam o que pode ser considerado um passo para consolidação da NEP enquanto teoria robusta, que para além dos esclarecimentos sobre a teoria em si, se propõe a entender fenômenos como a

globalização e a pandemia do Covid-19. Nesse sentido o ano de 2021 foi marcado por 7 citações.

Os artigos de 2022 não foram citados, contudo o número de artigos se manteve constante, foram publicados três (3) artigos, sendo estes “*Belt and Road Initiative and the geoeconomic implication for Brazil*” (RODRIGUES, 2022) “*On the chinese Socialist Market and the “New Projectment Economy”*” (JABBOUR; DANTAS; ESPÍNDOLA, 2022) e “O renminbi digital como atributo de uma nova formação socioespacial: soberania monetária e tecnologia a serviço da Nova Economia do Projeto” (JABBOUR; KOSINSKI, 2022). Ressalta-se que em 2022 foi o único ano que contou com uma publicação sobre a NEP sem a autoria ou coautoria de Elias Jabbour (RODRIGUES, 2022), o qual é o principal autor sobre o tema.

Dentre os autores mais citados, foi identificado Elias Jabbour com 26 citações e Alexis Dantas com 25, seguidos por Carlos José Espíndola, com 19 citações. Coincidentemente, são os autores que mais publicaram sobre o tema. Dos artigos selecionados, Jabbour aparece em sete artigos, seguindo por Dantas com cinco e Espíndola com três artigos escritos sobre a Nova Economia do Projeto. É válido destacar que Jabbour e Dantas têm, também, publicações em todos os anos deste estudo (2020, 2021 e 2022).

Em 2020, os quatro autores mais citados, Jabbour, Dantas, Espíndola, além de Júlio Vellozo (7), eram os únicos que publicaram sobre a NEP, a partir de 2021, apesar da diminuição do número de citações, pela contemporaneidade, a quantidade de publicações aumentou e o número de autores seguiu a mesma lógica, trazendo contribuições relevantes para os estudos sobre a Nova Economia do Projeto, como Javier Vadell, Bernardo Rodrigues Salgado e Daniel Kosinski.

Entre os mais citados, ressalva-se o artigo “Considerações iniciais sobre a “Nova Economia do Projeto”” com doze citações, onde os autores tratam sobre os princípios da NEP, como por exemplo, o socialismo de mercado e sua transformação em uma Nova Formação Econômico-social, o materialismo histórico dialético e o campo da heterodoxia econômica. Em seguida, com sete citações “A Nova Economia do Projeto: o conceito e suas determinações na China hoje”, que trata das grandes possibilidades de pesquisa do desenvolvimento econômico chinês, bem como enriquecendo o conceito, tratando da superação da “incerteza keynesiana” dentre outros aspectos. Com cinco citações, o artigo de 2021, “Ignácio Rangel na China e a “Nova Economia do Projeto” busca trazer argumentos como as ondas de inovações institucionais e o progresso técnico dos Grandes Conglomerados Empresariais Estatais, para classificar esse novo modo de produção em vigor na China hoje

como o maior desafio das ciências sociais da época.

Sobre as revistas mais relevantes (Tabela 1), foram adotadas duas métricas de classificação, Qualis e SRJ. A Qualis-Periódicos corresponde a “um sistema usado para classificar a produção científica dos programas de pós-graduação no que se refere aos artigos publicados em periódicos científicos”, classificados com base no quadriênio 2017-2020 com indicativos de qualidade de forma decrescente em: A1, A2, A3, A4, B1, B2, B3, B4, e os indicados como “C” aqueles compostos por periódicos que não se enquadram nos requisitos. O outro indicador utilizado, SRJ consiste em “portal publicamente disponível que inclui os periódicos e indicadores científicos do país desenvolvidos a partir das informações contidas no banco de dados Scopus (Elsevier B.V., tradução nossa)”. e pode ser base para “usar e analisar domínios científicos”.

Tabela 1 – Relação das revistas por indicadores de impacto científico e quantidade de artigos

| Revistas  | Qualis  | SJR     | Quant. de artigos |
|---|---------|---------|-------------------|
| GEOUSP  | A1      | Não tem | 1                 |
| Revista Nova Economia   | A2      | 0,18    | 1                 |
| Geosul  | A2      | Não tem | 2                 |
| Economia e Sociedade  | A2      | Não tem | 1                 |
| Revista de Economia Contemporânea                                       | A2      | Não tem | 1                 |
| Estudos Internacionais: Revista de Relações Internacionais da PUC Minas | A4      | 0,12    | 1                 |
| World Review of Political Economy                                       | Não tem | 0,16    | 1                 |
| <b>Total Geral</b>  |         |         | <b>8</b>          |

Fonte: Do autor

A GEOUSP se destaca como a mais relevante revista pela Qualis-Periódicos com classificação A1, uma revista da Universidade de São Paulo dedicada artigos científicos da geografia brasileira. No que tange o ranking SJR, tem-se a Revista Nova Economia como a de maior relevância (0,18), vinculada a UFMG busca difundir os fenômenos relacionados as abordagens econômicas. Entre as revistas que mais publicaram, com dois artigos é possível perceber a Geosul, uma revista quadrimestral que vem se consolidando com sua abrangência nacional.

É válido ainda salientar que das sete revistas em que os artigos sobre a NEP foram publicados, seis são brasileiras e com extrema relevância no seu fator de impacto. Isso demonstra a capacidade técnico-científica dos artigos, além de marcar um importante cenário de fortalecimento da academia brasileira.

Na Análise de Frequência de Palavras-Chave, a plataforma utilizada foi o *TagCrowd*. Nessa ferramenta foram adicionados todos os títulos, resumos e palavras-chave dos oito artigos

na língua inglesa. Dessa forma a ferramenta seleciona as palavras-chave mais frequentes e as classifica montando uma nuvem de palavras (Figura 3). O tamanho da palavra na figura indica a frequência com que a mesma aparece, além disso, consta a quantidade de vezes em que a palavra ou termo aparece.

Figura 3 - Nuvem de palavras-chave gerado no *TagCrowd*



Fonte: Do autor

Com a nuvem de palavras é possível desenvolver um raciocínio lógico entre as palavras “China” e “chinese” aparecem 24 e nove vezes respectivamente, indicando que os estudos mais recentes sobre a NEP têm um objeto de estudo base do ponto vista de sua aplicação. “New Projectment Economy” com 21 menções vem logo em seguida, sendo uma das mais encontradas. Mas o que chama a atenção nesse ponto é a base teórica que envolve as palavras “Ignácio Rangel” (6) e “Projectment Economy” (5) aparecem frequentemente, demonstrando como o autor e sua proposta são intimamente ligados a Nova Economia do Projeto. Outras palavras que são importantes para a concepção da NEP aparecem de forma significativa, “development”, “process” e “development process” por exemplo, colocam claramente o processo de desenvolvimento como pertencente a dinâmica da chinesa, sendo o “mode of production” (6) dominante o “market socialism” (4) que se estabelece como uma “NFES” (5)

Nova Formação Econômico-social e isso se reflete quando levamos em consideração as palavras e termos da nuvem de palavras.

#### **4.2 Análise do estoque de conhecimento**

Por fim, na análise do estoque de conhecimento os artigos foram classificados pela área temática e objetivo de pesquisa (BIEMANS; GRIFFIN; MOENAERT, 2007). Os oito artigos foram categorizados por 5 temas e 2 objetivos de pesquisa (Figura 4).

O Desenvolvimento Econômico é a principal referência nos artigos selecionados, aparecendo de forma recorrente em todos eles. Na categoria em que é classificado apenas como Desenvolvimento Econômico, o desenvolvendo ao longo do texto se dá mais em função dos fundamentos relacionados a teorias econômicas, como a superação de “incerteza keynesiana” ou relativo à planificação da “destruição criativa”, soberania monetária e o “pacto tácito de adesão”. Essa discussão é feita no artigo “A (Nova) Economia do Projeto: o conceito e suas determinações na China hoje”. Assim como em “Considerações iniciais sobre a “Nova Economia do Projeto””, que apesar de tratar do materialismo histórico dialético, tem o enfoque principal a mudança da ciência econômica variando o modo de produção que também está em constante transformação.

Os artigos que foram classificados como Desenvolvimento Econômico e Ciência Política são aqueles que possuem, além da carga teórica principal, fundamentos marxistas que são utilizados para conceber a ideia da NEP enquanto estágio superior do socialismo de mercado e que utilizam, por exemplo, o materialismo histórico dialético como sustentação argumentativa. Como em “Ignácio Rangel na China hoje e a “Nova Economia do Projeto”” e em “*On the Chinese Socialist Market and the “New Projectment Economy”*” onde os autores abordam como a crise de 2008 acelerou a transformação do socialismo de mercado em uma NFES e como suas inovações institucionais contribuíram para que as abordagens ortodoxas e heterodoxas chegassem a um limite conceitual e interpretativo da realidade chinesa, colocando a China e seus aportes teóricos como um dos maiores desafios contemporâneos.

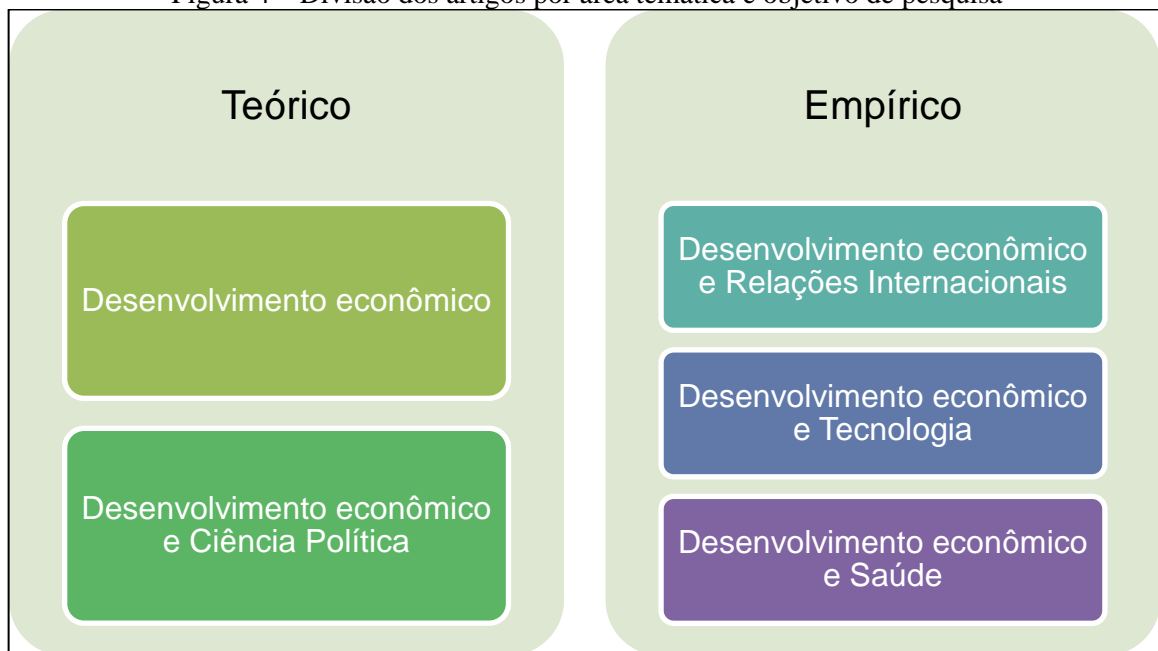
Já em outro ponto, a ““Nova Economia do Projeto” no combate à Covid-19 e as capacidades estatais chinesas como força política estratégica” está alocada na categoria Desenvolvimento e Saúde se relaciona aos estudos sobre a relação entre as capacidades estatais criadas pela China e seu impacto no combate ao Covid-19. Assim como em “O renminbi digital como atributo de uma nova formação socioespacial: soberania monetária e tecnologia a serviço



da Nova Economia do Projeto”, classificada como Desenvolvimento Econômico e Tecnologia, que diz respeito a criação de uma moeda digital pelo governo chinês, o “yuan digital”, para reduzir os impactos das criptomoedas, como *Bitcoin* e *Ethereum* no mercado nacional, desenvolvendo como as capacidades estatais são executadas para reduzir seu impacto através de novas tecnologias.

No Desenvolvimento e Relações Internacionais, existem dois artigos, o primeiro “*Belt and Road Initiative* e as implicações geoeconômicas para o Brasil” propõe a investigação das possibilidades e desafios do Brasil com a implementação do *Belt and Road Initiative* (BRI) pela China. E o segundo tratando da ascensão da China na política internacional, segundo o processo de globalização instituída pela China (GIC) e sua relação aos seus fatores internos, a Nova Economia do Projeto, intitulado “Da nova economia do projeto à globalização instituída pela China”.

Figura 4 – Divisão dos artigos por área temática e objetivo de pesquisa



Fonte: Do autor

Os artigos selecionados como empíricos na concepção dessa pesquisa foram aqueles que desenvolveram algum estudo sobre alguma área tangencial, ou seja, que tem aplicação mais prática, como no caso da Saúde, Tecnologia e Relações Internacionais. Já que tocante aos estudos teóricos, limitados mais a conceituação que envolve toda bagagem da NEP.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo analisar a difusão dos estudos sobre a Nova Economia do Projeto, nesse sentido foi realizada uma revisão de literatura, para tanto foram extraídos das bases de dados *Scopus*, *Web of Science*, *Scielo* e *Google Scholar*, todos os artigos sobre a NEP. Os 8 artigos selecionados foram analisados sob alguns aspectos ao longo da discussão, primeiramente quanto a evolução do tema por ano e artigos mais citados, nessa perspectiva foi possível avaliar que houveram evoluções do ponto de vista quantitativo, aumentando de dois artigos em 2020, para três artigos em 2021 e 2022, vale ressaltar também que para além da pesquisa realizada para esse estudo, que buscou abordar somente os artigos, o ano de 2022 também foi o ano de consolidação do livro “China o socialismo de século XXI”, livro de Elias Jabbour e Alberto Gabriele, atingindo expressivos números de vendas e que demonstra um avanço também qualitativo das obras sobre a Nova Economia do Projeto.

No seguimento posterior foram abordados os autores que mais publicaram e que mais foram citados, demonstrando mais uma vez a importância de Elias Jabbour como maior difusor e artífice da NEP, tendo participado de sete artigos, seguido por Alexis Dantas e Espíndola, estes também os mais citados. Entre as revistas mais relevantes e as que mais publicaram sobre o tema, o destaque está na qualidade dos artigos publicados, uma com o conceito A1 e cinco com A2, corroborando para a afirmação da base conceitual e relevância para as discussões que envolvem o tema.

Assim como a anterior, a frequência de palavras-chave foi relevante para ilustrar de forma objetiva as principais questões que envolvem a NEP, um processo de desenvolvimento, característico de uma Nova Formação Econômico-Social (NFES) que tinha e ainda tem, no socialismo de mercado sua interpretação mais difundida, mas que a partir das novas e superiores formas de planificação econômicas que estão sendo executadas na China atinge sua mais alta capacidade de atuação, o estágio superior do SM, a Nova Economia do Projeto. Por fim, com o estoque de conhecimento demonstrou-se as várias aplicações práticas que a NEP produz no campo do conhecimento com estudos na área da saúde, tecnologia e relações internacionais. Ademais, já apresenta um estoque de estudos teóricos sólido, que com tal concretude possibilita ainda uma gama de estudos nas mais diversas áreas.

Dessa maneira, com este trabalho foi possível a constatação de que a Nova Economia do Projeto é um processo de mudança de paradigmas no que tange os estudos sobre o desenvolvimento econômico, uma resposta ao processo que vem sendo antítese da financeirização capitalista e que tem na China seu interprete mais avançado. A construção que

está se formando, ainda que recente e com pouca abrangência quantitativa no tocante a número de artigos publicados, é relevante do ponto de vista do embasamento teórico e conceitual, além de uma importante abordagem e que se coloca como um instrumento brasileiro e latino-americano de pensar o desenvolvimento.

Além disso, esse trabalho pode contribuir no sentido de visibilizar essa recente abordagem teórica, auxiliando na consolidação como uma teoria do desenvolvimento tipicamente latino-americana e sobretudo brasileira. Ademais, como um contributo para pensar outros campos do conhecimento, como para a administração pública brasileira, no aprimoramento dos instrumentos de planejamento do Estado e como devem se desenvolver como uma resposta à altura das demandas e complexidade que o Brasil enfrenta.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, A. M. O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 9, n. 1, p. 1-13, 2010.
- BASTOS, C. P.; OLIVEIRA, B. R. REVISITANDO O DEBATE NURKSE-FURTADO NA DÉCADA DE 1950. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 24, n. 3, 2020.
- BIEMANS, W.; GRIFFIN, A.; MOENAERT, R. Twenty Years of the Journal of Product Innovation Management: History, Participants, and Knowledge Stock and Flows. **Journal of Product Innovation Management**, v. 24, n. 3, p. 193-213, 2007.
- BRESSER-PEREIRA, L. C. Desenvolvimento, progresso e crescimento econômico. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 93, 2014.
- CARDOSO, F. G.; REIS, C. F. B. **A divisão centro e periferia no atual contexto das Cadeias Globais de Valor**: uma interpretação a partir dos pioneiros do Desenvolvimento. Encontro Nacional de Economia Política, SEP, n. 2, 2016.
- CARDOSO, F. G. O círculo vicioso da pobreza e a causação circular cumulativa: retomando as contribuições de Nurkse e Myrdal. **Informações Fipe**, v. 383, p. 13-18, 2012.
- DOWERS, E. et al. Trans, gender diverse and non-binary adult experiences of social support: A systematic quantitative literature review. **International Journal of Transgender Health**, v. 21, n. 3, p. 242-257, 2020.
- FAN, J; MORCK, B; YEUNG, B. Capitalizing China. **NBER Working Paper**, n. 17.687, 2011.
- FURTADO, C. **Formação econômica da América Latina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lia, 1969.
- GABRIELE, A.; SCHETTINO, F. Market socialism as a distinct formation internal to the modern mode of production. **MPRA**, n. 7942, 2007.
- GABRIELE, A.; SCHETTINO, F. Market socialism as a distinct formation internal to the modern mode of production. **New Proposals: Journal of Marxism and Interdisciplinary Inquiry**, v. 5, n. 2, p. 20-50, 2012.
- GÜRLEK, M.; KOSEOGLU, M. A. Mapping knowledge management research in hospitality: a bibliometric analysis. **The Service Industries Journal**, 2023.
- JABBOUR, E. M. K. et al. A (nova) economia do projetamento como estágio superior do socialismo chinês. **Revista Desenvolvimento & Civilização**, v. 2, n. 2, p. 1-34, 2021.
- JABBOUR, E. M. K. et al. A (Nova) Economia do Projetamento: o conceito e suas novas determinações na China de hoje. **GEOSUL**, v. 35, n. 77, 2020.
- JABBOUR, E. M. K.; KOSINSKI, D. O renminbi digital como atributo de uma nova formação socioespacial: soberania monetária e tecnologia a serviço da Nova Economia do Projetamento. **GEOUSP**, v. 26, n. 1, 2022.

JABBOUR, E.; DANTAS, A. Ignacio Rangel na China e a “Nova Economia do Projeto””. **Economia e Sociedade**, v. 30, n. 2, 2021.

JABBOUR, E.; DANTAS, A.; ESPÍNDOLA, C. J. Considerações iniciais sobre a “Nova Economia do Projeto””. **GEOSUL**, v. 35, n. 75, p. 17-42, 2020.

JABBOUR, E.; DANTAS, A.; ESPÍNDOLA, C. J. On The Chinese Socialist Market Economy And The “New Project Economy””. **World Review of Political Economy**, v. 13, n. 4, p. 502-530, 2022.

JABBOUR, E.; DANTAS, A.; VADELL, J. Da nova economia do projeto à globalização instituída pela China. **Estudos Internacionais: Revista de Relações Internacionais da PUC Minas**, v. 9, n. 4, p. 90-105, 2022.

JABBOUR, E.; GABRIELE, A. **China: o socialismo do século XXI**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

JABBOUR, E.; RODRIGUES, B. S. A “Nova Economia do Projeto” no combate à COVID-19 e as capacidades estatais chinesas como força política estratégica. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 25, n. 2, 2021.

JE, J. S.; KHOO, C.; YANG, E. C. L. Gender issues in tourism organisations: insights from a two-phased pragmatic systematic literature review. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 30, n. 7, p. 1658-1681, 2022.

LAI, M. Y.; KHOO, C.; WANG, Y. Critical realism: a methodological design for destination food image research. **Tourism Recreation Research**, 2022.

LANGE, O.; TAYLOR, F.; LIPPINCOTT, B. **On the economic theory of socialism**. University of Minnesota Press, 1938, v. 2.

LE, D.; SCOTT, N.; LOHMANN, G. Applying experiential marketing in selling tourism Dreams. **Journal of Travel & Tourism Marketing**, v. 36, n. 2, p. 220-235, 2019.

LEE, C. K. From organized dependence to disorganized despotism: Changing labour regimes in Chinese factories. **The China Quarterly**, v. 157, p. 44-71, 1999.

LIMA, W. B. Leia íntegra do discurso de Xi Jinping na abertura do 19º Congresso do Partido Comunista da China. **UOL**, Opera Mundi, 30 out. 2017. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/48290/leia-integra-do-discurso-de-xi-jinping-na-abertura-do-19-congresso-do-partido-comunista-da-china>. Acesso em: 1 jan. 2023.

MARIANI, M. M.; AL-SULTAN, K.; MASSIS, A. Corporate social responsibility in family firms: A systematic literature review. **Journal of Small Business Management**, 2021.

MARIANO, A. M.; ROCHA, M. Revisão da Literatura: Apresentação de uma Abordagem Integradora. In: AEDEM International Conference. **Anais...** Reggio di Calabria, Itália, 26, 2017.

McGEE, T. et al. **China's urban space: development under market socialism**. Routledge, 2007.

NERY, T. **A economia do desenvolvimento na América Latina: O pensamento da CEPAL nos anos 1950 e 1990**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2004.

NGUYEN, M. T. N; LOCKE, C. Rural-urban migration in Vietnam and China: gendered householding, production of space and the state. **The Journal of Peasant Studies**, v. 41, n. 5, p. 855-876, 2014.

NONINI, D. M. Is China becoming neoliberal?. **Critique of Anthropology**, v. 28, n. 2, p. 145-176, 2008.

LOSURDO, D. Has China turned to capitalism? Reflections on the transtion from capitalism to socialismo. **International Critical Thought**, v. 7, n. 1 p. 15-31, 2017.

PAUTASSO, D.; MAIA, I. P.; PAPI, L. P. O combate à pobreza: cooperação China-ONU e agenda 2030. **Tensões Mundiais**, v. 18, n. 36, p. 165-181, 2022.

PENELUPPI, J. R. J.; BULLA, O. Socialismo de mercado: Eficácia da resposta da China à pandemia da Covid-19. **Revista de Ciências Humanas**, v. 1, n. 22, 2022.

PICKERING, C.; BYRNE, J. The benefits of publishing systematic quantitative literature reviews for PhD candidates and other early-career researchers. **Higher Education Research & Development**, v. 33, n. 3, p. 534-548, 2014.

PIMENTA, C. A. M. Tendências do desenvolvimento: elementos para reflexão sobre as dimensões sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 10, n. 3, 2014.

RANGEL, I. Elementos de Economia do Projeto. In: RANGEL, I. **Obras Reunidas**. Rio de Janeiro: Contraponto, [1957] 2005.

RODRIGUES, B. S. Belt and Road Initiative and the geoeconomic implications for Brazil. **Revista Nova Economia**, 2022.

SEN, A. K. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SILVA, M. A. China: Socialismo de mercado, relações internacionais e questão ideológico. **GEOSUL**, v. 35, n. 77, p. 139-165, 2020.

SUPERTI, E. O Positivismo de Augusto Comte e seu Projeto Político. **Hórus (FAESO)**, v. 1, n. 1, 2003.

TEMKIN, G. The new market socialism: A critical review. **Communist and Post-Communist Studies**, v. 29, n. 4, p. 467-478, 1996.

YANG, E.; KHOO-LATTIMORE, C.; ARCODIA, C. A systematic literature review of risk and gender research in tourism. **Tourism Management**, v. 58, p. 89-100, 2017.

НЕКРАСОВ, Станислав Николаевич. ПЛАНЫ И ПУТИ СТРОИТЕЛЬСТВА  
СОЦИАЛИЗМА: ОПЫТ ИСТОРИИ И ВОЗМОЖНОСТИ БУДУЩЕГО. In:  
**СОВРЕМЕННЫЕ НАУЧНЫЕ ИССЛЕДОВАНИЯ: АКТУАЛЬНЫЕ ВОПРОСЫ,  
ДОСТИЖЕНИЯ И ИННОВАЦИИ.** 2022, p. 108-112.